

Uma cidade sob o signo do medo: violência, mídia e pichação na disputa entre dois times de futebol de Maceió

Janayna Ávila¹

Beatriz Alexandrino²

Estéfane Padilha³

Mateus Magalhães⁴

Resumo

Em Maceió, a rivalidade entre as torcidas organizadas dos dois maiores times da capital, CRB e CSA, produz efeitos que são um termômetro de tensões sociais e culturais contemporâneas e que fazem de Maceió a 2ª cidade mais violenta do Brasil, segundo dados do Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal, uma ONG do México. O artigo analisa as diferentes manifestações da rivalidade entre as torcidas organizadas Comando Vermelho (CRB) e Mancha Azul (CSA) a partir da cobertura midiática em Alagoas. O objetivo é refletir sobre diferentes tipos de violência na disputa futebolística e analisar como esse fenômeno contribui na construção da identidade cultural local.

Palavras-chave:

Mídia; futebol; violência.

Abstract

In Maceió, the rivalry between the supporter's groups of the two major teams of the capital, CRB and CSA, produces effects that work as a thermometer of contemporaneous social and cultural tensions which make Maceió the second most violent Brazilian city, according to the National Council of Public Security and Penal Justice, an ONG from Mexico. The article analyses the different rivalry manifestations between the supporter's groups Comando Vermelho (CRB) and Mancha Azul (CSA) starting from the mediatic coverage in Alagoas. The objective is to reflect about the different types of violence on the football dispute and to analyse how this phenomenon contributes with the construction of the local cultural identity.

Keywords: media; soccer; violence.

¹ Graduada em Jornalismo, doutora em Estudos Literários e professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), onde lidera o grupo de pesquisa Mídia, fotografia e estudos culturais. Atualmente coordena o projeto de pesquisa Futebol e violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA, aprovado no edital 2015/2016 do Pibic/Ufal.

² Graduanda em Jornalismo pela Ufal. Atua na pesquisa Futebol e violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA.

³ Graduanda em Jornalismo pela Ufal. Atua na pesquisa Futebol e violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA.

⁴ Graduando em Jornalismo pela Ufal. Atua na pesquisa Futebol e violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA.

Maceió, capital de Alagoas, chega a seu bicentenário registrando altos índices de violência, consequência da desigualdade social e da ausência de políticas públicas voltadas, sobretudo, à educação. Numa cidade onde se tem, aproximadamente, 57 homicídios em apenas um mês, onde os crimes de estupro e homofobia são difíceis de serem punidos e muitos conflitos se resolvem na pancadaria ou na ‘bala’, a rivalidade intrínseca ao futebol soma-se, também, aos atos violentos que já fazem parte do cotidiano.

Maceió tem índices negativos de cidade grande: uma das maiores taxas de analfabetismo e evasão escolar – de acordo com dados da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (Pnad), realizada em 2013, 21,8% dos habitantes alagoanos de 15 anos ou mais não sabem ler nem escrever. Isso corresponde a mais de 690 mil pessoas. Em termos quantitativos, é como se quase todo o município de Maceió, que possui 996.736 habitantes, conforme levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, não soubesse ler ou escrever –, número de homicídios superior, proporcionalmente, ao de cidades como São Paulo (11,4 homicídios a cada 100 mil habitantes), Rio de Janeiro (20,2), Salvador (48,1) e Recife (32,0), – Maceió apresenta a segunda maior taxa de homicídios entre as capitais brasileiras, com 69,5 assassinatos para cada 100 mil habitantes, totalizando 699 mortes em 2014, segundo o 9º Anuário de Segurança Pública. Fortaleza (CE) é a que tem o maior índice (77,3) e São Paulo (SP), o menor (11,4) – e um alto consumo de drogas. Economicamente, como atesta Cícero Péricles de Carvalho (2015), Alagoas é um estado que mantém, há dois séculos, a mesma matriz de produção – a cana-de-açúcar – e uma profunda dependência econômica das verbas do Governo Federal.

Com uma dívida social longe de ser saldada, Maceió tem, para muitos torcedores de futebol, uma diversão catártica. Para além dos resultados inexpressivos nos gramados, o futebol na capital alagoana reúne aspectos sociais e culturais bastante significativos e que merecem ser analisados com atenção especial, sobretudo pelo fato de a cidade ser apontada, frequentemente, como uma das mais violentas do mundo. Os dois clubes da capital, CRB e CSA, ambos com mais de um século de existência, são rivais históricos, cujas disputas (os “clássicos”) comumente trazem manifestações de violência tanto verbal quanto física, sobretudo através das torcidas organizadas.

Nesse cenário, a mídia tem um papel preponderante. Não raro, programas de TV e de rádio debatem ou difundem opiniões acerca dos conflitos entre as torcidas organizadas dos dois clubes, contribuindo, em alguns casos, para fortalecer a rivalidade entre os grupos, ou ainda para aprovar a manifestação violenta da força policial contra as torcidas, em dias de jogos.

Nos últimos dois anos, as mídias sociais, cada vez mais populares, também são um território fértil de manifestações violentas, muitas vezes apócrifas, contra os torcedores do time rival. Embora, no esporte, a violência ritualizada seja inerente a qualquer torcida como parte do espetáculo, a cultura do ódio entre membros das torcidas organizadas do CRB e do CSA tem contribuído para reações cada vez mais radicais, a exemplo de espancamentos e assassinatos.

O presente artigo analisa de que forma a relação entre futebol e mídia, somada a índices sociais negativos, contribui para o aumento da violência entre as torcidas dos dois times, apontando essas manifestações midiáticas a fim de contribuir para a reflexão acerca de um problema cada vez mais grave.

A expressiva popularidade do futebol no Brasil tem, cada vez mais, transformado o esporte em objeto de pesquisa nas mais diversas áreas. A pesquisadora Heloísa Helena Baldy dos Reis, autora do livro *Futebol e violência* (2006), destacou que há dois tipos de violência no futebol: a violência simbólica e a violência real. A violência simbólica, que se manifesta, sobretudo, através de provocações verbais, sejam elas orais ou escritas, muitas vezes transforma-se em atos de violência real. Como escreveu Reis (2006), essa transformação dá-se, sobretudo, diante da ausência de um programa de segurança pública voltado especialmente aos jogos de futebol profissional.

Com o uso da internet e das redes sociais, cada vez mais democrático, livre e acessível, o espaço para comentários em publicações de sites torna-se uma plataforma para a violência simbólica, onde membros de torcidas rivais trocam xingamentos e ofensas. Além disso, tal briga simbólica é fortemente difundida nos ambientes urbanos. Diversos bairros da capital alagoana são tomados pelas pichações. Há lugares tipicamente dominados pela Comando Vermelho, outros pela Mancha Azul. E aqueles que não são predominantemente de nenhuma torcida, acabam virando um palco de

disputa pela delimitação do território: onde uma organizada põe sua marca, a outra coloca por cima, em um processo continuado.

Ao mesmo tempo, DaMatta (1986) e Bruhns (2000), atribuem um importante papel ao futebol na construção de uma ideia de identidade nacional. Para ambos, o esporte está presente não apenas no lazer e na linguagem, mas também nas relações sociais de quem nasce no Brasil e em sua forma de enxergar-se como brasileiro. Ainda que parte da sociedade brasileira possa não se reconhecer, de algum modo, através do futebol, é impossível negar que todos os brasileiros são influenciados pelo sistema de signos específicos do futebol.

Essa influência, associada à mídia, potencializa a relação entre futebol, violência e mídia. A construção de subjetividades esportivas pela mídia, como destacou Florenzano (2006), desestabiliza aqueles que se opõem (ou desejam se opor) aos discursos midiáticos sobre o futebol. Essa é uma das principais razões para a presença de estereótipos no esporte.

A supermediatização da última Copa do Mundo de Futebol, em 2014, realizada no Brasil, tornou ainda mais evidente a presença expressiva do esporte no Brasil e sua relação com aspectos sociais, culturais e políticos nacionais. A violência é, comumente, um ponto de intersecção entre esses aspectos. Em Alagoas, ainda são raras as pesquisas que relacionam futebol e violência. A capital alagoana, uma das dez mais violentas do mundo, possui também um futebol profissional cujas disputas são uma arena para atos de violência entre as torcidas organizadas dos dois principais times (CRB e CSA), a Comando Vermelho e a Mancha Azul.

O corpus da pesquisa é composto por 97 notícias ou reportagens veiculadas em um jornal diário (Gazeta de Alagoas) e quatro sites de notícias (TNH1, G1 Alagoas, Globo Esporte Alagoas e Gazetaweb), num período de dois anos (2013 a 2015), quando ocorreram oito (8) jogos entre CRB e CSA.

Na matéria intitulada “CSA x CRB vira caso de polícia”, publicada no jornal Gazeta de Alagoas, em 7 de abril de 2015, embora o texto tenha sido publicado como notícia, trata o conflito entre as torcidas organizadas do CRB e CSA de forma claramente opinativa:

Como se não bastassem os problemas ocorridos dentro do estádio, os mesmos vândalos de sempre, infiltrados nas chamadas organizadas, 'deitaram e rolaram' em ruas da capital (antes e após o clássico) com todo tipo de arruaça e banditismo, promovendo momentos de horrores à população maceioense.

Além do uso de expressões pouco comuns a um texto jornalístico noticioso, como “deitaram e rolaram”, há a condenação sumária dos “réus” (no caso, os torcedores organizados), classificados como bandidos e inimigos da população.

No site do Globo Esporte, é comum o uso de alguns termos que reforçam o clima hostil entre os dois times, como “linha inimiga”, “arquirrivais” e “dar o troco”. Com o poder de influenciar o comportamento e sem um fórum voltado ao debate sobre a repercussão de alguns discursos, a mídia local contribui para ampliar a rivalidade, dando, ainda que indiretamente, aval para a violência simbólica.

Nas matérias do G1, muitos discursos das fontes entrevistadas, principalmente as policiais, são de que os casos de violência registrados são resultado da ação de marginais e vândalos. O portal de notícias não aborda o esporte em si, e só os incidentes de brigas, depredação e consumo de drogas entram em pautas relacionadas ao clássico.

O torcedor fanático e com disposição para violência que ouve/vê/lê a cobertura midiática é capturado pelos “tentáculos” aos quais Dênis de Moraes faz referência no texto de apresentação de Mídia, poder e contrapoder:

Trata-se de um poder desmaterializado, penetrante, invasivo, livre de resistências físicas e territoriais, expandindo seus tentáculos para muito além da televisão, do rádio, dos meios impressos e do cinema. Já se infiltrou em celulares, tablets, smartphones, palmtops e notebooks, telões digitais, webcams... Tudo parece depender do que vemos, ouvimos e lemos no irrefreável campo de transmissão midiática – em atualização contínua – para ser socialmente reconhecido, vivenciado, assimilado, recusado ou até mesmo esquecido. (MORAES, 2013)

Com o uso de uma linguagem que não deixa saída a não ser a violência (ainda que simbólica), a mídia transforma/constrói/potencializa a disputa entre os dois times.

Um exemplo desse processo complexo está no texto “Com dois a menos, jogadores do CRB destacam espírito guerreiro do time”, publicado no GE, em 19 de fevereiro de 2014, que trata uma confusão nas arquibancadas como “parte dos elementos que caracterizaram um ‘bom clássico’”.

Dramático. Com todos os elementos de um bom clássico, o jogo de estreia de CSA e CRB no Campeonato Alagoano, disputado esta noite no Rei Pelé, foi digno de um verdadeiro espetáculo. No primeiro tempo de jogo, onde o time marujo saiu na frente com gol de Diego Clementino aos 11 minutos, depois, Tozin, aos 36, descontando para os alvirrubros, as duas equipes duelaram do começo ao fim. E a guerra ultrapassou as quatro linhas. O árbitro Chicão mal tinha acabado de dar o apito final quando um homem identificado como integrante do Corpo de Bombeiros chegou a disparar um tiro para cima, o que gerou tumulto na arquibancada azulina.

Em algumas das reportagens coletadas, não raro, ex-jogadores admitem ter contribuído para o clima de hostilidade, a exemplo de Jerônimo (ex-CRB), que confessou ser um hábito provocar os torcedores do CSA nas arquibancadas. O objetivo, pelo jeito, era garantir que a violência estivesse viva, como parte do espetáculo. Em apenas uma matéria (das quase 100 selecionadas como corpus), um jogador do CRB desconstrói a ideia de times inimigos.

Curiosamente, em 10 de maio de 2013, o Pajuçara Futebol Clube/TNH1 já abriu espaço para que os presidentes dos dois clubes lançassem provocações entre si em véspera de jogo, potencializando, mais uma vez, a violência simbólica.

Como se pode ver, os presidentes do CRB e do CSA à época menosprezam o rival ao mesmo tempo em que afirmam, com argumentos muito semelhantes, seu domínio no futebol alagoano:

Sobre o desafio, o mandatário regatiano está confiante. “Vamos ser maiores em tudo nessas finais, inclusive na torcida. Vamos conseguir a vitória nos dois clássicos e ser campeão, porque a torcida apaixonada do Galo [CRB] merece”, disse Barbosa. (...) Mas sobre o desafio, Jorge VI respondeu com convicção. “A torcida do CSA

historicamente é maior e continua maior. Dessa vez não vai ser diferente e teremos o maior público”, concluiu.

Em abril de 2015, uma decisão do Tribunal de Justiça suspendeu as atividades das duas torcidas organizadas. Como mostra matéria do Pajuçara Futebol Clube/TNH1, a decisão foi embasada na análise de conteúdo midiático local:

Os elementos que constam nos autos e as notícias perpetradas pela mídia, fundamenta Tutmés Airan, permitem com segurança confirmar a necessidade de suspensão das atividades das duas torcidas, como forma de evitar a ocorrência de danos irreparáveis. Para o desembargador, é fato notório o grave problema que envolve o conflito entre as torcidas organizadas dos dois times de futebol da capital. Nesta terça, ao consultar um site de buscas, Tutmés Airan obteve milhares de resultados dando conta do iminente conflito entre torcidas em Maceió.

Em Maceió, um desembargador fundamenta sua decisão utilizando, também, as ocorrências midiáticas locais que dão conta do assunto em julgamento – o conflito entre as torcidas organizadas, que, clandestinamente, continuam em plena atividade.

No cotidiano e em dia de jogo entre os dois times, a cidade torna-se também palco da violência simbólica e real dos torcedores: transporte coletivo, casas comerciais e mobiliário urbano depredados e muros pichados com frases ofensivas das duas torcidas. Essa relação entre o espaço urbano e a violência originada na disputa futebolística evidencia a transitoriedade da identidade multifacetada da cidade. Nesse sentido, como escreveu Lucrécia D’Alessio Ferrara (2014), a emergência da cidade dá origem à multidão, ao público, à massa, aos meios técnicos e à própria tecnologia.

Considerações finais

A cidade de Maceió, permeada por inúmeras ausências de natureza social, é também protagonista desse diálogo tenso entre futebol e violência. Uma rede de manifestações que proporciona uma rica reflexão acerca do que Bauman (2005) falou sobre as identidades “flutuarem” no ar.

Quando ambientada numa cidade com indicadores sociais perversos (miserabilidade, analfabetismo, drogas etc), a rivalidade presente no futebol torna-se ainda mais nociva. Com apenas dois times em atividade, Maceió e suas duas torcidas organizadas (Comando Vermelho e Mancha Azul) têm na disputa futebolística um ritual catártico para outras carências. Ao ver seu time ganhar, o torcedor pobre, geralmente negro e morador da periferia, sente-se ritualisticamente representado. Aderir à violência contra os torcedores do time rival é apenas parte desse jogo ritualístico.

Da mesma forma, quebrar ônibus, carros, praças e o que mais for encontrando pela frente no caminho de volta para casa, parece expressar que, imbuído do espírito catártico do jogo, ele manifesta a revolta contra a sociedade e o sistema, certo de que, pelo menos ali, naquele contexto, quem tem o poder é ele. Juntar-se em torcidas organizadas é apenas uma forma de lançar mão da coletividade para se fortalecer. Juntos são maiores, são uma instituição – Comando Vermelho ou Mancha Azul.

Há, e muito, o que se interpretar a partir do futebol e de outras manifestações culturais coletivas. Em Maceió, CRB e CSA são, através de suas torcidas, um espelho dos desejos não realizados de boa parte da sociedade. A cidade, aqui, como em muitos exemplos ao redor do mundo, é fragmentada, propensa para os conflitos contemporâneos de toda ordem. A mídia, em geral, só contribui para dar mais corpo a esses conflitos.

Referências

BARBERO, Jesus Martín. *Globalização comunicacional e transformação cultural*. In:

MORAES, Dênis de. (org) **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. O futebol como filosofia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 jun. 2013. Caderno de opinião, p. 4.

MORAES, Denis de (org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. São Paulo, Autores Associados, 2013.

SANCHES, Tatiana Amendola. **Estudos culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. *O ethos midiaticizado*. In: **Antropológica do Espelho: por uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Com dois a menos, jogadores do CRB destacam espírito guerreiro do time. **Globo**

Esporte. 19 fev. 2014. Disponível em

<<http://globoesporte.globo.com/al/noticia/2014/02/com-dois-menos-jogadores-do-crb-destacam-espirito-guerreiro-do-time.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

CRB X CSA vira caso de polícia. **Gazeta de Alagoas**. 7 abr. 2015. Disponível em <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=263821>>. Acesso em : 10 de outubro de 2015.



Presidentes de CSA e CRB falam de expectativa do clássico e desafio de público. **Pajuçara Futebol Clube/TNH1**. 10 maio 2013. Disponível em <<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/futebol/2013/05/10/244881/presidentes-de-csa-e-crb-falam-de-expectativa-do-classico-e-desafio-de-publico>>. Acesso em : 10 de outubro de 2015.

Autoridades proíbem torcidas organizadas no Rei Pelé durante clássico. **Pajuçara Futebol Clube/TNH1**. 7 abr. 2015. Disponível em : <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/futebol/2015/04/07/320886/autoridades-proibem-torcidas-organizadas-no-rei-pele-durante-classico>>. Acesso em : 10 de outubro de 2015.